

# UM RITUAL EPISTOLAR FAVELADO: DOS *PENPALS* AO DESPERTAR DE NOSSAS PRÓPRIAS NARRATIVAS

■ ALINE REGINA CARDOZO DE BRITO

 <https://orcid.org/0000-0002-1073-1590>

Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro

## RESUMO

Este artigo trata da escrita de mim imersa em um ritual epistolar de dentro do território favelado. Tal ato de caligrafar se inicia a partir de correspondências trocadas com inúmeros *penpals* dispostos a escreverem cartas pelo Brasil e pelo mundo. O processo iniciado em torno dessas narrativas evidenciou meus múltiplos *eus* e, daí em diante, apresentei para tais leitores sobre onde eu vivia, o que eu de fato era/sou e as pessoas com quem convivi/convivo e com quem *escrevivi* e *escrevivo*. Esta escrita tinha como objetivo me desafixar dos estereótipos criados em torno das populações de favelas, principalmente no que tange à condição da mulher negra enquanto produtora epistolar através dos tempos, evidenciando os atravessamentos de raça, de gênero e de classe. No decorrer do artigo, outras autoras e autores dialogam comigo através de suas epístolas nas quais nos comprometemos com nossos *espaçotempos* ao notabilizar a importância desses documentos, tanto familiares quanto históricos. Parto, então, de uma escrita de minha subjetividade para chegar às escritas comprometidas com a voz coletiva pelo mundo a fora.

**Palavras-chave:** Ritual epistolar. Favela. Escrivivência. Coletividade.

## ABSTRACT

### A FAVELA EPISTOLAR RITUAL: FROM *PENPALS* TO THE AWAKENING OF OUR OWN NARRATIVES

This article deals with the writing of myself immersed in an epistolary ritual within the *favela* territory. This handwriting act starts from correspondence exchanged with countless *penpals* willing to write letters throughout Brazil and the world. The process started around these narratives so that it showed my multiple selves and, from then on, I presented to the readers the place where I lived, what I really was/am and the people I lived with/live with and whom I wrote and lived with. This writing aimed to detach myself from the stereotypes created around the favela populations, especially with regard to the condition of Black women as an epistolary producer through the ages; evidencing the intersection of race, gender and class. Throughout

the article, other authors dialogue with me through their epistles in which we commit ourselves to our time and territory by noting the importance of these family's or historical documents. Then, I start, from a writing of my subjectivity aiming at writings committed to the collective voice around the world.

**Keywords:** Epistolary ritual. *Favela*. *Escrevivência*. Collectivity.

## RESUMEN **UN RITUAL EPISTOLARIO FAVELADO: DE LOS PENPALS AL DESPERTAR DE NUESTRAS PROPIAS NARRATIVAS**

Este artículo trata de la escritura de un yo inmerso en un ritual epistolar desde dentro del territorio de la favela. Este acto de caligrafía parte de la correspondencia intercambiada con innumerables *penpals* dispuestos a escribir cartas en todo Brasil y el mundo. El proceso que comenzó en torno a estas narraciones mostró mis múltiples yos y, a partir de entonces, les presenté a esos lectores dónde viví, lo que realmente era/soy y las personas con las que vivía/vivo y con quienes escribí y viví. Este escrito pretendía desvincularme de los estereotipos creados en torno a las poblaciones de las favelas, especialmente en lo que se refiere a la condición de la mujer negra como productora epistolar a través de los tiempos; evidenciando los cruces de raza, género y clase. En el transcurso del artículo, otros autores dialogan conmigo a través de sus epístolas donde nos comprometemos con nuestro espacio-tiempo al señalar la importancia de estos documentos, tanto familiares como históricos. Parto, entonces, de una escritura de mi subjetividad para llegar a escrituras comprometidas con la voz colectiva alrededor del mundo.

**Palabras clave:** Ritual epistolar. *Favelas*. *Escrevivência*. Colectividad.

### *Pra início de escrita...*

Quando criança, eu constantemente via minha mãe escrever cartas à sua família no Rio de Janeiro. Meu pai fora trabalhar na Baixada Santista e nos mudamos para lá uns meses após meu nascimento. O banzo entranhado na distância Rio-São Paulo era curado através da escrita matriarcal. “Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe”, narrou Conceição Evaristo (2020, p. 49) e eu, assim como a escritora, observava os movimentos de minha mãe: as longas linhas e as

várias páginas de cadernos velhos ocupadas com a caligrafia desenhada de Dona Nizinha, letra de professora primária. As cartas eram endereçadas aos seus pais e seus irmãos no Morro do Timbau, favela da Maré, zona norte do Rio de Janeiro, ou no sentido interestadual contrário – uma tentativa de encurtar a distância, minimizar a saudade e buscar lembranças. Mais tarde, outras epístolas foram produzidas a partir das minhas narrativas para o mundo.

A escrita se emaranhava ao ritual de postagem da carta: ir à papelaria comprar enve-

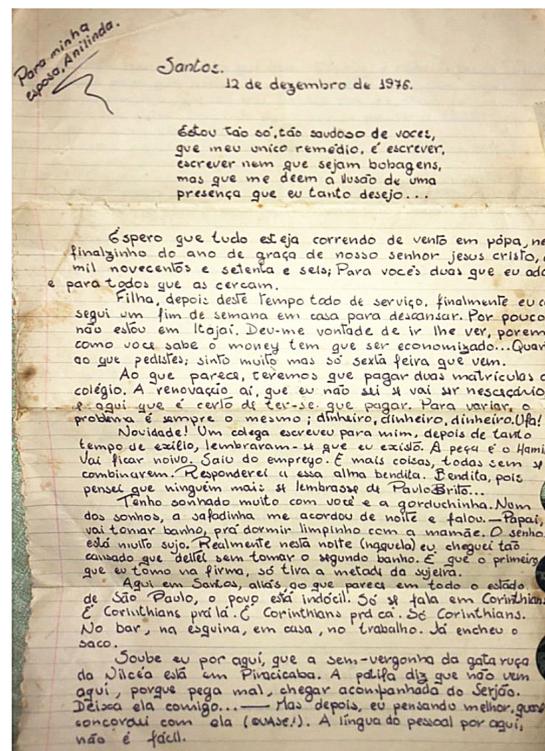
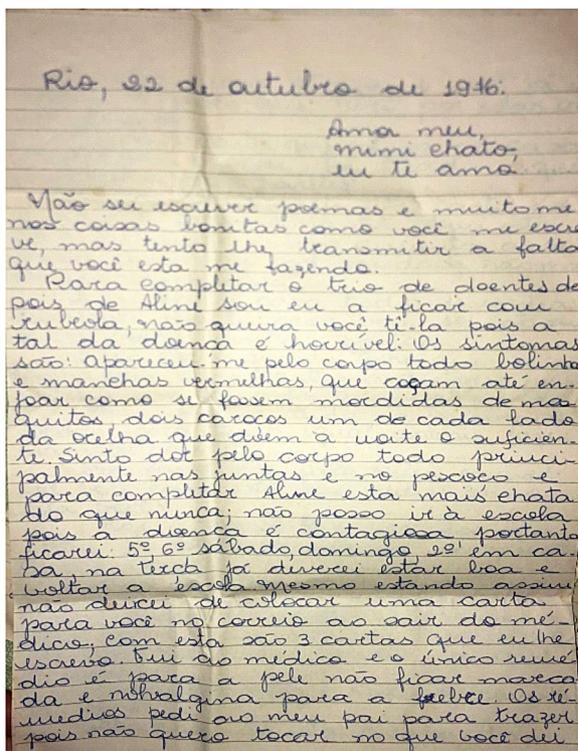
lope aéreo tarjado de verde e amarelo. Eu e minhas irmãs, ainda pequenas, íamos atrás de nossa mãe à papelaria observando tudo com nosso olhar infantil. A carta era envelopada no próprio Correio e ajudávamos a passar a cola grudenta de cor escura para lacrar o conteúdo. Minha mãe preenchia o remetente e o destinatário com sua letra grande. A moça do balcão, depois de pesar nosso envelope cheio de folhas rabiscadas, grudava o selo e pedia moedas em troca. Depois de seladas, iam e vinham trazendo notícias interestaduais daquela família preta. Cartas que amenizavam a dor da distância e a impossibilidade de pagar a passagem de ônibus para, na época, atravessar as estradas entre os estados. Cartas substitutas de abraços e sorrisos negros escondidos depois da travessia das serras. Já naquela época, minha mãe desobedecia a instabilidade da vida imposta à sua família negra e

[...] demonstrava que escrever é muito mais complexo do que nos ensinou a cultura letrada; escrever não é apenas articular palavras no

papel, é inscrever traços da vida, investindo-se, enquanto sujeito, transformando a escrita no gesto que interrompe o livre fluxo da negação ou limitação de existências, tornando possíveis vidas pensadas pela estrutura racialmente construída como inviáveis. (SANTOS, 2020, p. 209).

Tantas foram as vezes que vi minha mãe sentada a redigir páginas e páginas das novidades da jovem família! Outras vezes, a via inserir as tão esperadas fotografias de suas filhas nos envelopes, vindas dos rolos de filmes guardados à espera de revelação. Outras ainda, recebia cartas de amor do meu pai quando ele viajava a trabalho ou minha mãe era a destinatária dos meus avós (logo abaixo, carta de minha mãe de 22 de outubro de 1976 e resposta de meu pai de 12 de dezembro de 1976). Ouso dizer que minha mãe já praticava a *escrivência* sem saber. Narrava completamente fora dos padrões esperados para uma biografia uma vez que suas vivências eram invisibilizadas. Enfim, acabei por adquirir o hábito dessa escrita epistolar caligrafada e pautada por tantos sentimentos.

**Figuras 1 e 2** – Carta de minha mãe e Carta de meu pai



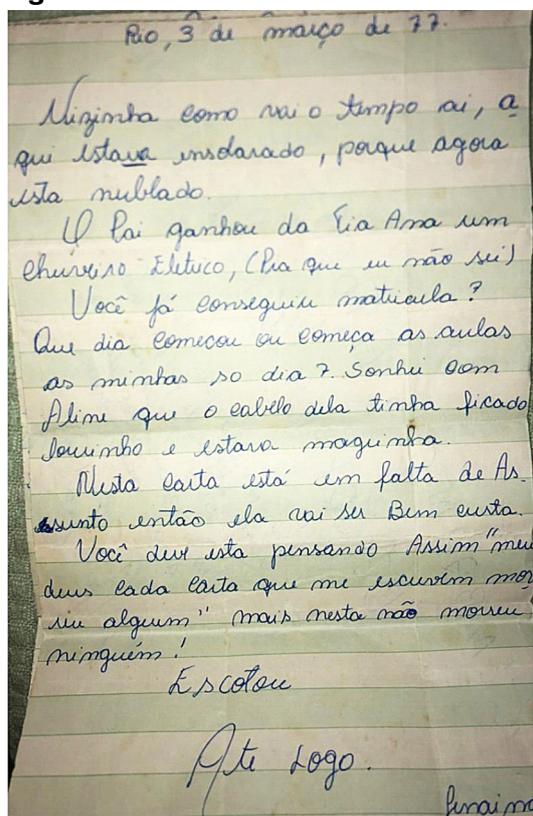
Fonte: acervo pessoal de Dona Nizinha.

Para aqueles que não possuem “permissão” para publicar, as cartas são documentos que envelhecem junto com as famílias. Retirar folhas escritas de envelopes antigos e sentir cheiro de guardado nos devolve ao tempo narrado. Há sempre um lugar onde ficam “[...] guardadas as cartas dos amigos, dos amores, [...] todas as cartas” (ASSIS, 1995, p. 177). Diante dessas escritas, acabamos por incorporar os pensamentos do deputado Brotero do conto “Papéis velhos”, de Machado de Assis (1995, p. 177): “Já agora, não podia conciliar o sono; ia reler esses papéis velhos. Não se releem livros antigos? Abriu a gaveta; tirou dois ou três maços e desatou-os. Muitas das cartas estavam

encardidas com o tempo”. O personagem mergulha num “mar morto de recordações apagadas”. Enquanto eu, de cá do meu *tempoespaço*, mergulho em memórias afetivas e revivo infâncias, becos de favela, carinhos de tias e avós.

Abaixo, uma carta escrita pela minha tia materna e assinada pela minha avó. O papel usado era de blocos de escritório descartados pelas empresas. Fico saudosa ao ler que meu avô havia ganhado um chuveiro elétrico no ano de 1977 para seu barraco. Ao mesmo tempo, entristeço-me de lembrar que minha genitora havia casado sem terminar os estudos, pois sua irmã a questiona sobre ter conseguido uma matrícula em alguma instituição escolar.

**Figuras 3 e 4** – Início da carta de minha tia e fim de carta com assinatura de vovó



Rio, 3 de março de 77.

Nizinha como vai o tempo aí, aqui estava encharcado, porque agora está nublado.

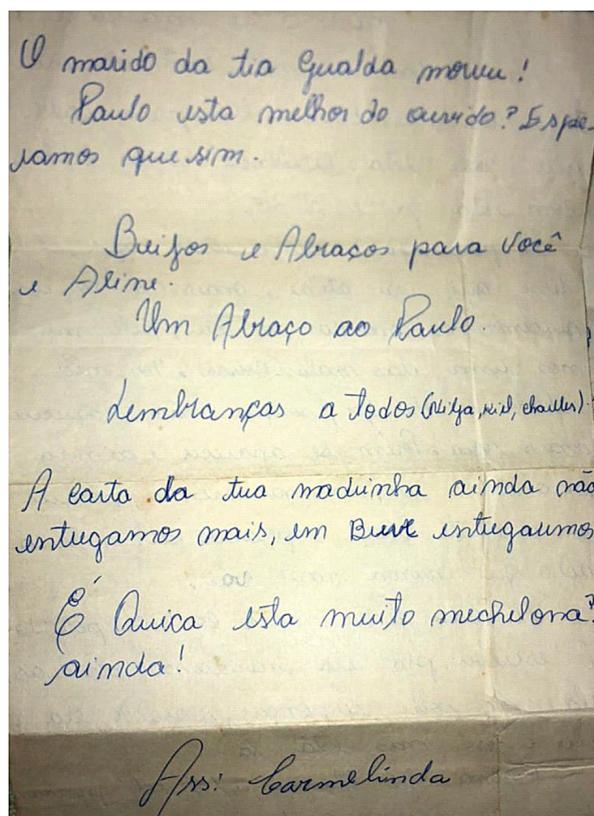
O Pai ganhou da Tia Ana um chuveiro Elétrico, (Pra que se não sei) Você já conseguiu matrícula? Que dia começa ou começa as aulas as mimbas so dia? Sonhei com Alime que o cabelo dela tinha ficado de um lado e estava maguinha.

Nesta carta está em falta de assunto então ela vai ser Bem curta. Você deu esta pensando Assim "me deu cada carta que me escrevem mas não deu nenhum" mais nesta não morreu ninguém!

Escolheu

Ate logo.

Carmelinda



O marido da tia Quada morreu! Paulo está melhor do curido? Esperamos que sim.

Beijos e Abraços para você e Alime.

Um Abraço ao Paulo.

Lembranças a todos (Nizinha, pai, chailin).

A carta da tua madrinha ainda não entregamos mais, em Breve entregamos.

É Quica esta muito melhora? Ainda!

Ass: Carmelinda

Fonte: acervo pessoal de Dona Nizinha.

## Na contranarrativa da herança maldita: a origem da minha escrita-carta

Durante a adolescência, minha avó pretinha, Dona Carmelinda, era quem recebia nossas cartas das mãos do carteiro e tentava deci-

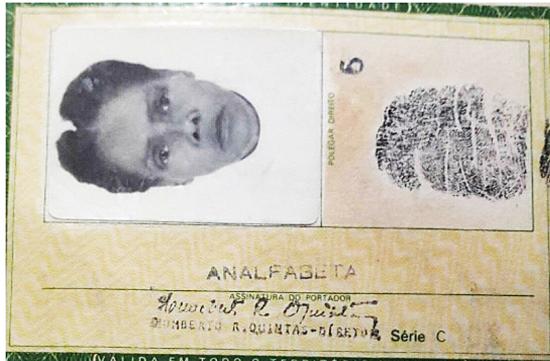
frá-las. Quando nos mudamos de volta para a cidade do Rio de Janeiro, quase duas décadas depois da primeira mudança, ela nos via ler, escrever e estudar. Acompanhava essa rotina de bom humor. Negra e favelada, ajudava-nos a memorizar os textos pedidos pela escola achando graça de nossa decoreba. Ao iniciar

meu Segundo Grau, antiga nomenclatura do atual Ensino Médio, ficava me perguntando como minha avó ainda conseguia ler um pouco tendo estado na labuta desde os 7 anos de idade. Queria ensiná-la, mas o tempo nunca sobrava naquela correria.

Minha avó também desejava escrever longas cartas; porém, a alfabetização lhe foi vedada – seu registro geral a classificava como analfabeta. Que herança escravista maldita!

“Como se poderia manter viva a criatividade de uma mulher negra, ano após ano, século após século, quando durante a maior parte dos anos, que os negros viveram na América, era um crime punível para uma pessoa negra ler e escrever?”. (WALKER, 1986, p. 324). Todavia, esse legado foi rejeitado por minha mãe e suas filhas. Através das cartas, percebi a origem da escrita de mim dentro das minhas linhas escritas.

**Figuras 5 e 6** – Verso do RG de minha avó e Frente do RG



Fonte: Acervo pessoal de Tia Genáina.

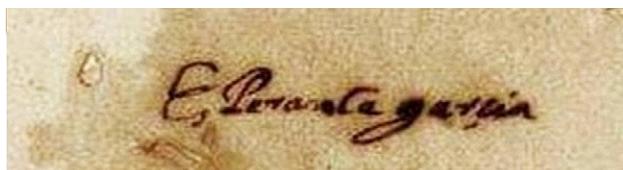
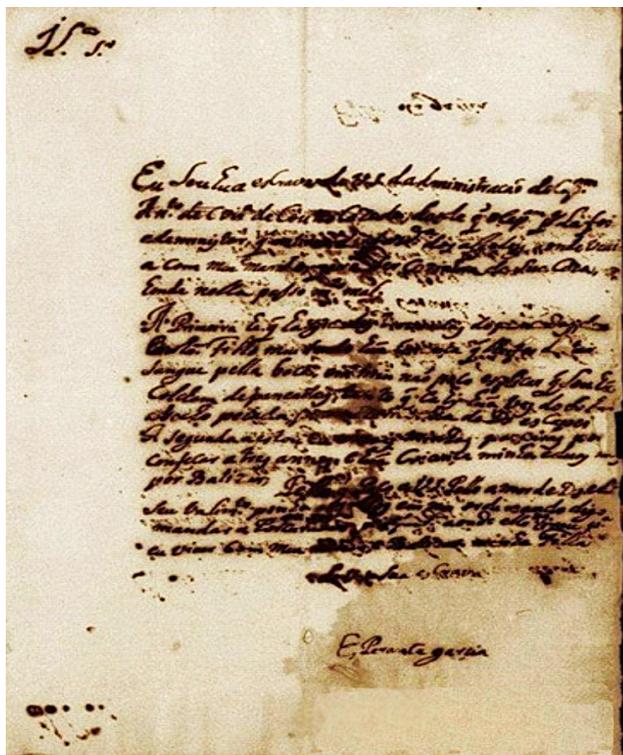


Apesar da identidade usada em território nacional cujo carimbo a rotulava como ape-deuta e iletrada, minha avó se reinventou no seu cotidiano: fazia contas, lia sobre teorias espíritas e escrevia dedicatórias quando nos presenteava. Esse episódio de minhas lembranças remonta a 1770, ano no qual a escravizada Esperança Garcia escreveu a uma autoridade piauiense rogando por ajuda. Estava cansada das surras e maus-tratos que ela e seus filhos carregavam nas costas. Quais foram as táticas de resistência usadas por Esperança para aprender a ler e escrever uma vez que simplesmente *ser* já era negado aos negros cativos? Tal carta é “[...] um dos registros escritos mais antigos da escravidão no Brasil ...[e] confere à narrativa epistolar o status de uma escritura da gênese literária afro-brasileira”. (SOUZA, 2015, p. 1).

Conhecer e compartilhar a escrita de Esperança é lutar contra o racismo, a desigualdade de gênero e a injusta divisão de classes

no Brasil – enquanto escritora deste artigo me envolvo com a dor dessa escravizada uma vez que todos esses atravessamentos também transpassam o meu corpo. Ademais, traz à tona o olhar (além da voz coletiva) de uma mulher negra que “[...] utiliza-se da escrita para se defender da violência do sistema escravagista”. (SOUZA, 2015, p. 3). Por conseguinte, há uma representação dupla da resistência escrava: representa a falsidade em torno do mito do bom relacionamento entre senhor e seus servos, bem como a invenção da inferioridade intelectual dos povos negros em relação aos brancos. Uma inferioridade intelectual que nos colocou na posição de um Outro criado a partir da colonização europeia. Entretanto, não se esperava que esse outro jamais desistiria de sua ancestralidade *griot* nem de seu direito de escrever. A escrita negra é resistente e resiliente – linhas esperançosas não narradas pelo ponto de vista do colonizador. Veja o documento de 1770 na Figura 7:

Figura 7 – Carta documento Esperança Garcia



Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/esperanca-garcia-a-escrava-que-escreveu-uma-peticao-ao-governador/>.

Transcrição da carta no português atual:

Eu sou uma escrava de Vossa Senhoria da administração do Capitão Antônio Vieira do Couto, casada. Desde que o capitão lá foi administrar que me tirou da fazenda algodões, onde vivia com o meu marido, para ser cozinheira da sua casa, ainda nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca, em mim não posso explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo peiada; por misericórdia de Deus, escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar há três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Peço a Vossa Senhoria pelo amor de Deus ponha aos olhos em mim ordenando digo mandar ao procurador que mande para a fazenda de onde me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha.

## Palimpsestos modernos

Ao entrar na adolescência, comecei a colecionar papéis de cartas. Moedas encontradas nas calçadas, outras vezes dadas pelos meus avós, eram depositadas num cofrinho para a compra dos tais papéis ao fim de cada semana. Estes eram guardados em pastas, separados por temas e tamanhos. Foram anos de coleção e, foram tantos os modelos adquiridos, que alguns ainda existem em minha estante – eram meus palimpsestos modernos. Digo moderno por eu não ter a necessidade de raspá-los, mas, sim, de apagá-los: apagar determinadas frases, reescrever as ideias, (des)construir narrativas sobre mim enquanto adolescente favelada. Havia ali um ritual epistolar que já estava impresso no meu corpo cotidianamente.

Uma carta longa e bem escrita, que cruzaria o oceano por mar ou *par avion*, poderia levar uma semana sendo elaborada a partir dos meus dados (auto)biográficos traçados no papel. Havia também um processo semelhante a um mercado clandestino: a troca de papéis de carta. Nos reuníamos nos becos da favela para trocar folhas repetidas por outros papéis mais atrativos ou por envelopes que combinassem com a folha escolhida. Reunia-se um grupo de (pré)adolescentes para o câmbio. Algumas vezes, o papel de carta era tão valioso que havia a permuta por dinheiro e outros objetos – bijuterias, batons etc. – era permitida; porém, os pais não poderiam ficar sabendo dessas negociatas.

Adquirida a resma, debruicei-me durante anos a um processo semelhante ao do escriba, pois considerava minhas epistolas documentos históricos. Passei a escrever para o mundo fora como uma forma de mostrar as nossas experiências – minha e de minha família –, uma forma de dizer que a *América* (GONZALEZ, 2020, p. 127) produzia outras narrativas, que minha família negra e meu território favelado também produziam outras narrativas

para além daquelas inventadas ou midiaticamente espalhadas. Lembrava-me das aulas de Geografia dos anos 1980 nas quais o Brasil era

classificado como um país subdesenvolvido, hoje modernamente visto como um país do sul-global.

**Figura 8** – Papel de carta e envelope



**Fonte:** acervo pessoal.

Eu não conseguia me entender como uma habitante de nação subdesenvolvida. Talvez um inconformismo tenha me levado à escrita. Ao ler Lélia Gonzalez (2020), atualmente percebo que outrora me via dentro da “categoria político-cultural de amefricanidade” cuja defesa era sobre ter

[...] um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: Améfrica Ladina [...] Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os ‘pretos’ e os ‘pardos’ do IBGE) são ladino-amefricanos. (GONZALEZ, 2020, p. 127).

Lá nos inícios dos anos 1990, eu já me compreendia como essa moça ladino-amefricana – sem o adjetivo subdesenvolvida – e desejava escrever sobre minha cultura para outras pessoas. E as escrevi, por anos a fio, como meus

leitores verão mais abaixo.

Além disso, havia um desejo dentro de mim em descobrir as outras caligrafias, escritas culturalmente diversas e relatadas de maneiras diferentes dos padrões dos contos de fadas europeus. Cito os contos de fadas por ser provavelmente a primeira literatura com a qual temos contato na infância e ela é literalmente enraizada na cultura eurocentrada. Aliás, comparado a quantidade de correspondentes europeus que tive, os destinatários de países asiáticos, africanos e oceânicos eram ínfimos (uma na Austrália, uma em Zimbábue, um na África do Sul, um na Índia e uma no Japão). Mesmo na América do Sul e Central, eram pouquíssimos aqueles que tinham condições de trocar correspondências. Vale lembrar que as postagens internacionais, ainda mais dependendo do peso, não eram muito baratas. Muitas vezes, íamos aos Correios com os envelopes abertos e contávamos com a paciência dos funcionários de pesarem nossas cartas. Caso o peso limite fosse ultrapassado, retirávamos os anexos: recortes de jornais,

postais, fotos de revistas etc. Assim,

Eu, minha irmã do meio e algumas amigas também trocávamos correspondências com pessoas ainda dispostas a escrever cartas ao redor do mundo – era o que chamávamos de *penpals* (amigos da caneta). Dentro das cartas vinham *friendship books* (livros da amizade), recheados de etiquetas com endereços de pessoas habitantes das mais diferentes partes do planeta – tive amigos em Zimbábue, África do Sul, Havaí, Chile, Japão, Índia, Austrália. Algumas amizades mantive até a vida adulta. Às vezes, as correspondências se perdiam pelos embarques transatlânticos e isso nos causava tamanha saudade. (BRITO, 2021, p. 92, grifo da autora).

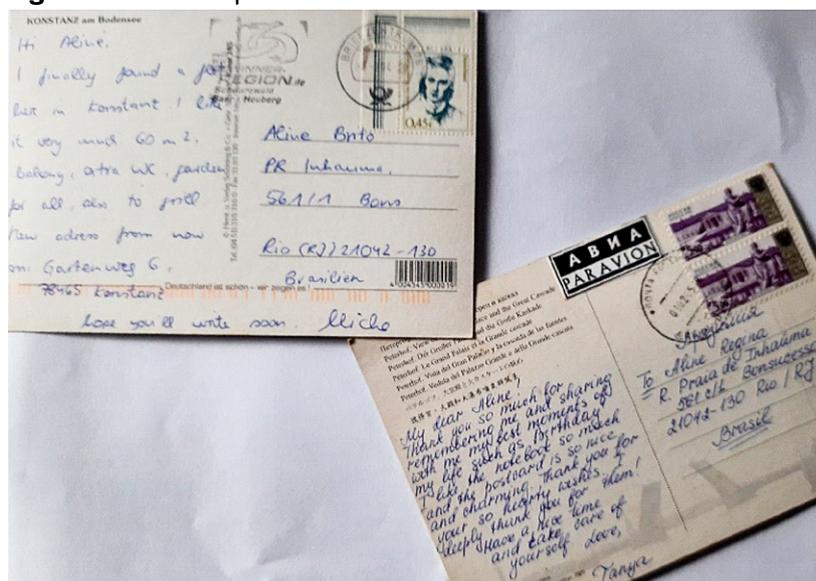
O número de correspondentes aumentou em tão pouco tempo que criei um registro de endereços com as informações básicas de cada amiga e amigo: endereço, data de nascimento, país de origem, determinadas preferências e gostos. Cada carta era, na verdade, além da minha própria descoberta, um processo de *poiésis* – havia um ritual criativo e artístico para cada correspondência cujas linhas eram criadas cheias de imaginação e sentimentos. E, claro, toda nossa vida seguia seu destino dobrada em dois à espera dos embarques. Os papéis eram escolhidos de acordo com o des-

tinatório internacional, incluindo os adesivos decorativos, os selos, a textura e cores dos envelopes.

## O despertar da escrita de mim

Às vezes, as distâncias se tonavam mais longas pois o tempo se entrelaçava ao espaço de onde esperávamos. O tempo se comprimia ao território favelístico tornando-se quase palpável e o espaço se fundia aos nossos enredos, movimentando-se com o tempo lento, um cronotopo bakhtiniano em que é nítida que “a relação entre espaço tempo é indissolúvel”. (FIORIN, 2017, p. 145). Aquela espera do envelope gordo e cheio de notícias e surpresas seria acompanhada de muitas frases “*missing you!*” (que saudades de você!). Muitas vezes, recebíamos postais para explicar que as notícias logo chegariam ou, ainda, que nossa carta acabava de completar sua rota e chegava às mãos da destinatária. Também servia para avisar à *penpal* uma mudança de endereço. Isso era um alívio. Abaixo há um exemplo de mudança de endereço na Alemanha (canto esquerdo superior) e um agradecimento por eu ter lembrado do aniversário de uma amiga russa (canto direito inferior).

**Figura 9** – Cartões postais



Fonte: acervo pessoal.

O início do meu despertar veio logo no primeiro ano de escrita. Nossa casa era localizada no conhecido Beco do Abacate, logo na entrada do Morro do Timbau. Entrada que hoje se situa em frente à Linha Amarela, acesso para Ilha do Fundão, famosa via da cidade do Rio de Janeiro. À época, o carteiro que atendia à nossa região era um rapaz negro e simpático cujo nome era Robson. Minha família logo ficou amiga dele, pois o volume de cartas que escrevamos era realmente grande e constante. Praticamente toda semana chegavam postagens até nós. E, “quando você é carteiro, é comum as pessoas perguntarem se tem cartas para elas”. (THIAGO, 2000, p. 68). Não era o nosso caso, Robson já subia as escadinhas do nosso portão com o maço de cartas unido por um elástico. Cartas de todas as cores e nacionalidades. No calor, subindo e descendo o morro para finalizar suas entregas, oferecíamos água, suco, frutas ao jovem rapaz. Ficava de uniforme ensopado de suor carregando sua bolsa abarrotada de envelopes. Às vezes, ele perguntava de que países eram determinados selos pois não entendia os endereços escritos em inglês. Se estávamos na escola, e eu recém-aprovada para universidade, minha mãe ou minha avó pretinha recebiam as cartas.

A gente se acostumou a ver não escrevendo, mas levando para os outro o que foi escrito: os carteiros [...] eles conhecem não só a geografia física de uma cidade – os CEPs de cada bairro, os cantos e recantos, os atalhos e caminhos mais curtos – como sua geografia humana – as ansiedades e expectativas, as alegrias e dores do destinatário. [...] Fazem uma ligação sentimental entre as distâncias, são uma espécie de porta-voz do país. (VENTURA, 2000, p. 9).

Senhor Carteiro, “vida sem graça se você não passa no morro, eu quase morro”, cantariam Os Tribalistas. Enfim, uma amizade que também nasceu por conta das epístolas.

Certo dia, nosso carteiro fez o seguinte comentário: “*eu nunca vi entregar tantas car-*

*tas internacionais e em inglês em favela. Acho que vocês são a família que mais recebem cartas por aqui*”. Aquela observação me deixou sem palavras. Foi ali que despertei para fato de mulheres pobres, faveladas e oriundas de famílias negras não estarem autorizadas ao privilégio da escrita. Por que não estávamos autorizadas a escrever de dentro daquele território? Por que se subentendia não termos a capacidade da escrita? Por que escrever cartas em outra língua não poderia ser parte de nossa vida de adolescentes faveladas? Naquela época, procurando por essas respostas, decidi que escreveria cartas (auto)biográficas das minhas experiências e aprendizagens naquele *dentrofora* da favela – até mesmo porque eu era observadora de outros espaços também (nos estágios, na universidade pública, nos círculos de amizade fora dali etc.).

Minha irmã mais nova também escrevia cartas para algumas pessoas do Brasil, pois não sabia inglês. Eu e minha irmã do meio arriscávamos todos os lugares pois praticávamos a escrita em língua inglesa. Eu ainda arriscava alguns correspondentes em italiano. Alexandra teve, por exemplo, correspondentes em Madagascar e Malta – cartas que diminuía distâncias oceânicas. Inconscientemente, aquelas longas escritas inexperientes já eram a construção de uma *escrevivência* pois eu buscava (re)contar histórias. Logo, a

escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 30).

Não que eu me sentasse à mesa para escrever com essa intenção, mas havia um interesse de mostrar meu território e minha vida para o mundo de outra maneira. E esse ato estava atravessado pela ancestralidade de minha família negra, pela condição social do território no qual eu habitava e pela rede de afeto tecida pelas mulheres da minha casa (eu, minha mãe e minhas irmãs; e nossas vizinhas: eram minha tia e minha avó pretinha). Positivamente, as várias experiências vividas ali – família, infância, amizades, etc. – me levaram a encarar a mim mesma: a vergonha de dizer que era uma moça da favela naquela época, por exemplo. Era como se eu fosse uma observadora externa olhando de cima para eu mesma escrevendo: eu-observadora analisando o meu eu-escritora que desvelava minha identidade e quem eu de fato era naquela *escrevivência*.

A escrita epistolar naquela fase de minha vida me fez (re)encontrar comigo mesma trazendo outros escritores e escritoras para dentro dos meus diversos eus e possibilidades. Minha escrita nunca foi isolada, não era sobre o território nem sobre o tempo daquelas mulheres, ou melhor, nós mulheres daquela casa. Minha escrita se caligrafou a partir de uma rede de mulheres como supramencionado, pois eu escrevia *com* elas e *com* a favela o tempo todo – uma necessidade da escrita que já pesava sobre meu corpo. Ficava nítido que

[...] a *Escrevivência* extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da *Escrevivência* já demande outra leitura. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (EVARISTO, 2020, p. 38).

Nessas cartas, nós nos mostrávamos como, de fato, éramos. Digo éramos porque, além da

vida cotidiana, a própria escrita nos acrescentou e nos modificou com os passar dos anos. Falar da favela onde morávamos, da família que tínhamos, das lembranças felizes da infância no barraco da minha avó – nós fazíamos essas escolhas e isso era um ato político dentro das linhas percorridas. Às vezes, como Carolina Maria de Jesus, eu escrevia no quintal ao lado do barraco construído por meus avós negros. Contava sobre as delícias que ali comíamos – minha escrita, ainda pouco madura então, mostrava para o mundo uma contranarrativa.

Contranarrar era tentar escrever por linhas, não tortas, mas ainda não escritas sobre mim. Eu queria a fuga dos estereótipos: queria dizer que eu era favelada e estudante, e leitora, e professora etc. Minhas linhas retratavam uma maré muito além da canção “Alagados” da banda de rock Os Paralamas do Sucesso: mesmo sem as palaftas, “a cidade continuou nos negando oportunidades; porém, eu me negava a ser filha daquela agonia”<sup>1</sup>. As histórias de vida e resistência da minha família falavam sobre possibilidade(s). A possibilidade de passar no vestibular sendo favelada de origem negra, de contar os passeios com meu avô pelas praias cariocas, de saborear em pensamento a comida da minha avó – eu ansiosa para vê-la na cozinha do barraco preparando algum quitute –, de dar risada do meu tio, conhecido como Negão, contando para crianças piadas infantis. Tantas histórias encantadoras, que, apesar de serem vividas no chão de uma comunidade violenta, estavam muito além da imagem televisiva produzida sobre nós – a história única (ADICHIE, 2019) produzida sobre nós simplesmente não era sempre verdadeira.

1 Trecho de frase baseado nas estrofas da canção “Alagados” da banda Paralamas do Sucesso (álbum *Selvagem?* de 1986): “Todo dia o sol da manhã/ Vem e lhes desafia/ Traz do sonho pro mundo/ Quem já não queria/ Palaftas, trapiches, farrapos/ Filhos da mesma agonia/ E a cidade que tem braços abertos/ Num cartão postal/ Com os punhos fechados da vida real/ Lhes nega oportunidades [...]”.

Especialmente num país como o Brasil, onde a questão da representação se mostra ainda tão problemática. Dar corpo à memória de moradores da favela, caminhando em sentido contrário aos dos estereótipos que se colam à pele dos subalternos em nossa sociedade, é, portanto, uma estratégia de grande impacto político e cultural [...]. (SCHMIDT, 2017, p. 186).

## Catando papel e escrevendo com as pretas Jesus e Evaristo

Dentro desse enquadramento social, dei corpo às minhas memórias de menina favelada. Naqueles tempos remotos, eu não percebia pois eram sentimentos que vinham simplesmente de dentro de mim. Hoje, percebo que a escrita nasce, na verdade, de um conversar *com* a realidade, com meu território, com minha família. E agora, ao digitar essas linhas, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus estão “ao meu lado” dialogando *comigo*.

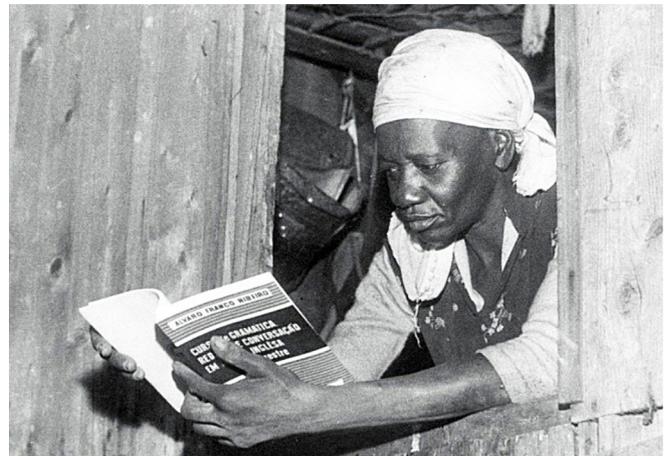
Creio que os poucos bons momentos de Carolina se entrelaçariam aos meus. Vez ou outra em seus diários, ela dá permissão para a felicidade aparecer, seja através da música ou da beleza do dia:

Hoje eu estou cantando. Estou alegre e já pedi aos vizinhos para não me aborrecer. Todos nós temos o nosso dia de alegria. Hoje é o meu! [...]

Passei o resto da tarde escrevendo. As quatro e meia o senhor Heitor ligou a luz. Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei um banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. (JESUS, 2014, p. 24).

As narrativas de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* (2014) estão ligadas ao passado e, esse passado, também se conecta à minha narrativa – escritas que se estendem até o momento presente. As favelas cresceram, criaram resistência e sobrevivência, desenvolveram organização popular e política nos becos de suas comunidades; além de terem feito sua cultura alcançar o asfalto. Isso não nos coloca numa posição de privilégio, isso não faz vencer os inúmeros problemas e ausências do Estado. A favela não venceu, mas certamente está aprendendo a escrever suas próprias histórias. Consequentemente, a minha marca de favelada está também impressa na minha narrativa. Até porque, como Carolina, muitas foram as vezes que escrevi no quintal em frente ao barraco de minha avó. Mesmo quando aquele casebre começou a ser demolido para dar lugar à casa de alvenaria, minha escrita já estava atravessada por tudo vivido ali.

**Figuras 10 e 11** – Barraco em transformação/1994 e barraco de Carolina (anos 1950)



**Fontes:** acervo pessoal e Arquivo do *Rascunho*.

Diria Walter Benjamin (1987, p. 201) que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências de seus ouvintes”, nesse caso leitores e leitoras. Impossível não trazer para dentro deste texto a “memória, musa da narrativa” (BENJAMIN, 1987, p. 211), minhas memórias. Assim como o diário de Carolina escrito à luz do seu cotidiano cruel, uma vez que esta escrevia enquanto convivia com a miséria do Canindé, do mesmo modo, as linhas de *Becos da memória* (2017), escrito por Conceição Evaristo enquanto se via entre “o barraco e o barranco” – memórias em cujas linhas a escritora mineira consegue injetar seus traquejos poéticos pois escreve de fora do território onde havia (sobre)vivido. E assim como eu, cuja escrita está dividida entre o morro e o asfalto. Logo, acabamos por trazer “[...] a confissão de quem se comprometeu com as questões do seu tempo [...] vencendo obstáculos particulares desde a infância para se tornar protagonista da própria história”. (EVARISTO, 2019, p. 9). Todas essas negras escritoras, ao se narrarem e contarem sobre seus territórios, estavam/estão comprometidas com seu tempo. Consequentemente, por ser uma leitora deste processo afrodiaspórico feminino, dialogo com elas e com o mundo inclusive.

## Cartas não envelopadas

Do outro lado do oceano, no continente europeu, cartas de uma negra francesa eram escritas para Carolina Maria de Jesus na década de 1960. Na verdade, de acordo com as narrativas desta última em seu *Quarto de despejo* (2014) e *Casa de alvenaria* (2021), nessa fase nossa poetisa negra já estava passando pelo processo de saída da favela do Canindé. A escritora afro-francesa, Françoise Ega, descobre Carolina lendo uma revista no ônibus enquan-

to se deslocava para exercer as funções de empregada doméstica das madames brancas francesas. Imediatamente, ela se enxerga nas dificuldades de Carolina e se conecta à autora afro-brasileira.

Há em suas cartas um ritual de escrevê-las como se fossem faladas diretamente à Carolina. Um processo ao mesmo tempo de solidariedade e de inspiração. Ega deixa claro que entende as mazelas pelas quais a escritora favelada passa, pois as sofre também. Além disso, usa o nome da escritora brasileira em várias de suas saudações, deixando claro que Carolina era, na verdade, uma fonte de inspiração cuja força impulsionava Françoise a não abandonar suas cartas e seu desejo de escrever um livro. Nasce daí, postumamente, o livro *Cartas a uma negra* (2021) – e essa negra era Carolina. Infelizmente, a autora catadora de papel daqui nunca teve a alegria de receber um envelope tarjado de azul e vermelho da escritora de lá. E Ega seguiu escrevendo:

Maio de 1962. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos me agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça [...] Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou o luxo de comprar uma revista [...] volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam [...] Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados [...] Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e meu caderno. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente a sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criançada à sua volta? [...] Também me chamo Marie, como você [...] 20 de maio de 1962. Se um dia eu lhe enviar estas linhas, você

vai querer saber o resto da minha história [...] Eles pegaram um dos meus cadernos, agora tenho que copiar de novo todas as folhas. Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo pro alto, dizendo: 'De que adianta escrever?'. Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo cur-

vada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo. Eu, tenho a imensa felicidade de ter um caderno, um abajur e uma música bem baixinha que sai do rádio, acho que seria covardia largar tudo por que uma criança rasgou as folhas do caderno. Só me resta recomeçar. (EGA, 2021, p. 5-8)

**Figura 12** – Carta em envelope francês



Fonte: <https://www.istockphoto.com/photos/envelope-air-mail-mail-french-culture>.

Ao recomeçar, Françoise Ega insiste na potência de sua escrita. Insiste em se mostrar para o mundo, além de denunciar as injustiças sociais e raciais presentes naquele país desenvolvido. Inclusive, usa suas cartas para ser porta-voz de outras que passavam pelas mesmas mazelas – ela tinha um senso comunitário incansável. E o fato é que, ao escrever com outras empregadas e Carolina em pensamento, Ega se compromete com seu tempo. O mesmo se dá com Carolina do lado de cá do Oceano Atlântico: a poetisa negra brasileira denuncia a ausência do Estado tão estampada em seu barraco.

Quando finalmente realizou o sonho de se mudar para uma casa de alvenaria, ela se torna assiduamente crítica de uma classe brasi-

leira privilegiada e um tanto quanto desumana e fútil. Claramente, suas críticas ácidas partem do lugar de uma cidadã a quem a cidadania praticamente foi negada a vida toda. Na verdade, poderíamos dizer que esta seria uma posição de privilégio: é a partir da sua vivência interseccionada por tantos preconceitos que Carolina consegue enxergar a não perfeição do lugar onde passa a (con)viver. Logo, Carolina também está comprometida com seu tempo, uma vez que havia nela um desejo intenso de mostrar suas escritas para o Brasil. Um desejo resistente tão vigoroso de escrever que as fronteiras nacionais não foram suficientes. Sem perceber, ela se mostrou para o mundo a partir de suas escritas de si.

## Cartas das *hermanas*

Este embrião de minha escrita, iniciada com a trocas de cartas entre *penpals*, também me comprometeu com o meu tempo e meu território. Na época, não percebia e, infelizmente, só mais tarde fui conhecer Carolina de Jesus. Os livros de Carolina me foram negados na escola e por toda vida acadêmica. Tive contato com ela anos atrás já exercendo minha profissão docente. Certamente, caso eu tivesse lido Carolina no antigo Segundo Grau, eu teria desenvolvido uma escrita epistolar mais crítica e consciente. Teria eu, então, em fins dos anos 1990, escrito uma carta que convocassem outras mulheres a escreverem comigo? Teria eu postado cartas convidando mulheres, do outrora classificado como Terceiro Mundo, assim como Anzaldúa (2000) o fez? Glória Evangelina Anzaldúa foi uma acadêmica e escritora norte-americana estudiosa da teoria cultural chicana. Suas obras misturavam prosa e poesia, a língua aprendida no México, sua autobiografia e uma escrita informal cativante. Com o intuito de incentivar a escrita feminina, ela convoca diferentes mulheres através de sua carta para o mundo:

21 de maio de 1980. Queridas mulheres de cor, companheiras no escrever. Sento-me aqui, nua ao sol, máquina de escrever sobre as pernas, procurando imaginá-las. Mulher negra, junto a uma escrivaniha no quinto andar de algum prédio em Nova Iorque. Sentada em uma varanda, no sul do Texas, uma chicana abana os mosquitos e o ar quente, tentando reacender as chamas latentes da escrita. Mulher índia, caminhando para a escola ou trabalho, lamentando a falta de tempo para tecer a escrita em sua vida. Asiático-americana, lésbica, mãe solteira, arrastada em todas as direções por crianças, amante ou ex-marido, e a escrita. *Não é fácil escrever esta carta. Começou como um poema, um longo poema. Tentei transformá-la em um ensaio, mas o resultado ficou áspero, frio.* Ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da

escola forçou em minha escrita. Como começar novamente? Como alcançar a intimidade e imediatez que quero? De que forma? Uma carta, claro. Minhas queridas *hermanas*, os perigos que enfrentamos como mulheres de cor não são os mesmos das mulheres brancas, embora tenhamos muito em comum. (ANZALDÚA, 2000, p. 229, grifos nossos).

E como é libertador, ao falar das nossas escritas nas cartas produzidas, trazer a minha subjetividade para dentro do texto. “A academia nos ensinou que a melhor forma de produzir conhecimento era afastarmo-nos das nossas experiências pessoais, e do lugar de fala em primeira pessoa, em favor de uma pretensa objetividade científica”. (SANTOS, 2020, p. 211). Porém, como se troca o sentimento que passa da tinta da caneta para o papel pela objetividade? Quando comecei o primeiro parágrafo, prometi a mim mesma que evitaria racializar minha experiência aqui descrita. Contudo, foi nitidamente impossível prosseguir uma vez que a raça na minha família, no território exposto e nas relações sociais é um dos primeiros impactos. Notamos que

Escrevemos, portanto, milhões de textos que narravam nossos estudos em terceira pessoa, afastando-nos do campo de visão-experiência, investimos em objetos nos quais as falas da raça estavam ausentes, acreditando que estudar o pensamento branco, obedecendo a seus paradigmas e métodos de análise, nos aproximava de um rigor científico que, de outra forma, seria impossível. (SANTOS, 2020, p. 211).

Ao usar a primeira pessoa para enunciar suas ideias, e por entender que as mulheres – apesar das diferenças culturais, territoriais e raciais – têm muito em comum, Maya Angelou (2019) – mãe de Guy Johnson, seu único filho – semelhantemente inicia uma carta para “sua filha”. Ela desobedece tal rigor em relação à escrita e acaba por se ligar a todos e todas nós dialogando conosco a partir de suas diversas experiências.

Querida filha,

Esta carta levou um tempo enorme para se formar. Durante todo esse tempo eu soube que queria lhe contar algumas lições que aprendi e em que condições as aprendi. [...] Você não pode controlar os fatos que acontecem em sua vida, mas pode decidir não ser diminuída por eles. [...] Eu dei à luz uma criança, um filho, mas tenho milhares de filhas. Vocês são negras, brancas, judias e muçulmanas, asiáticas, falantes de espanhol, nativas da América e das Ilhas Aleutas. Vocês são gordas e magras, lindas e feias, gays e héteros, cultas e iletradas, e estou falando com todas vocês. Eis aqui min há oferta. (ANGELLOU, 2019, p. 15-16).

## Pseudônimos e os múltiplos *eus* epistolares

Nascida em 1928 e conhecida pelo pseudônimo de Maya Angelou, Marguerite Ann Johnson foi uma ativista/escritora/dançarina; além de ter sido a primeira motorista de ônibus negra na cidade de São Francisco nos Estados Unidos da América (EUA). O pseudônimo traz à tona as tantas possibilidades do corpo de Maya: ela não era uma única mulher, ela era Maya, Marguerite e tantas outras. No período de produção literária de Angelou, já não falávamos tanto da proibição das mulheres quanto a escrita, até porque Maya foi uma ferrenha ativista negra de seu tempo e atuou junto a outros pensadores negros seus contemporâneos. Muitas escreviam sob um pseudônimo masculino para que sua literatura fosse aceita e publicada. Para citar um exemplo famoso, temos George Elliot que, na verdade, era Mary Ann Evans – assim como no Brasil tivemos Nair de Tefé, conhecida como Rian.

Lá pelos idos do século XIX, a referida romancista britânica utilizava um pseudônimo para que seus trabalhos fossem levados a sério uma vez que esta já trazia a questão de gênero para dentro de suas produções. Neste ponto, devemos voltar a pensar em Esperança Garcia.

Esperança não estava preocupada em criar um pseudônimo, pois sua carta já mostrava todas as suas possibilidades: mulher trabalhadora, esposa, mãe, religiosa e escravizada violentada. Por ter escrito uma carta extremamente ousada – aliás, uma escrava letrada já era ousadia – naquela época colonial, Esperança se despe perante sua escrita pois sua força está comprometida com a voz de outros e outras escravizadas. Praticamente numa mesma época, a afro-americana, Phillis Wheatley, escreve uma carta ao Reverendo Samson Occun abordando o tema respeito aos negros e seus possíveis direitos, uma maneira de dizer que apoiava direitos e liberdade dos povos africanos. Uma voz própria com ideais semelhantes ao de Esperança Garcia.

Tal epístola chega a ser publicada em 1774 numa das edições do *The Connecticut Gazette*. Veja o início de sua escrita:

Rev'd and honor'd Sir,  
I have this Day received your obliging kind Epistle, and am greatly satisfied with your Reasons respecting the Negroes, and think highly reasonable what you offer in Vindication of their natural Rights: Those that invade them cannot be insensible that the divine Light is chasing away the thick Darkness which broods over the Land of Africa; and the Chaos which has reign'd so long, is converting into beautiful Order, and reveals more and more clearly, the glorious Dispensation of civil and religious Liberty [...] (WHEATLEY, 1774, s/p).

Reverenciado e honrado Senhor,  
Recebi neste dia sua bondosa Epístola, e estou muito satisfeita com seus pontos de vista a respeito dos negros, e acho altamente razoável o que você oferece em Reivindicação quanto aos seus Direitos naturais: Aqueles que os invadem não podem ser insensíveis pois a Luz divina está afugentando a densa Escuridão que paira sobre a Terra da África; e o Caos que reinou por tanto tempo, está se convertendo em bela Ordem, e revela cada vez mais claramente, a gloriosa Liberdade civil e religiosa [...]. (WHEATLEY, 1774, s/p, tradução livre).

**Figuras 13 e 14** – Phillis W. e Esperança Garcia



**Fontes:** <https://www.learningforjustice.org/classroom-resources/texts/hard-history/letter-to-reverend-samson-occum> e <https://piauihoje.com/noticias/cultura/ldquo-se-esperanca-garcia-morasse-na-zona-norte-escreveria-ao-governador-rdquo-diz-maria-lucia-335338.html>.

Nascida na África Ocidental – atual Gambia ou Senegal –, acredita-se que, em 1752, Phillis foi vendida em torno dos 7 ou 8 anos de idade para América do Norte. Seu corpo frágil passou por inúmeras doenças e, mesmo fragilizada, tornou-se a primeira poetisa afro-estadunidense publicada. Já Esperança nasceu em uma fazenda de propriedade de jesuítas no Piauí. Foi escravizada aos 9 anos e levada para Capitania do Maranhão. Nota-se, então, que tanto Esperança quanto Phillis se despiram para o mundo para mostrar suas opiniões e urgências – uma vida inteira de urgências.

Mais uma vez, a escrita epistolar tem o poder de se comprometer com outros e outras. Compromisso firmado com seu *espaçotempo*, cartas fazem circular pelo país e pelo globo inúmeros saberes. Saberes que, muitas vezes, não temos consciência que são construídos em determinadas classes, em determinadas áreas e por determinadas pessoas. A última epístola que trago neste trecho de minha escrita, importante para ilustrar essa circulação dinâmica de saberes é a carta da Comissão de Libertos de Paty de Alferes enviada a Ruy Barbosa, diplomata brasileiro, no ano seguinte ao da Abolição da Escravatura.

Como o próprio nome diz, a carta parte de uma comissão, logo a voz do coletivo é explícita. Tal epistola, escrita por negros libertos, reivindicava a educação de seus filhos. Estavam cientes que só através da alfabetização suas crianças seriam eleitores no futuro. Tal posicionamento estava claro na Lei Saraiva (art. 8, inciso II), em que os eleitores do império se inscreviam para “[...] serem incluídos no dito alistamento os cidadãos que requererem e provarem ter adquirido as qualidades de eleitor de conformidade com esta lei, e souberem ler e escrever”. (BRASIL, 1881). Havia, inclusive, a citação de leis – a Ventre Livre de 1871, por exemplo –, ou seja, esses homens estavam conscientes das notícias veiculadas pela cidade. Nota-se que

Para uso político nos debates de monarquia *versus* república, a carta foi publicada em diferentes jornais. Abria-se fogo contra o governo, acusando-o de desonesto por cobrar impostos, com o objetivo de educar os ingênuos. Alegavam também a existência de um conluio que procurava retardar o cumprimento da Lei do Ventre Livre na freguesia de Paty de Alferes em Vassouras. [...] Papéis, mentes, tintas, corações, pensamentos e letras. Escritos que nos permitem adentrar - de modo direto ou não - as von-

tades expressas pelos próprios escravizados e recém-libertos [...] A circulação de saberes e expectativas vai além do campo das ideias - apresentada por meio da escrita [...] Não por acaso os libertos que assinaram a Carta endereçada a Ruy Barbosa em 1889 explicitam desejos, não para si, mas para seus descendentes. Utilizar a conjuntura política na argumentação para requerer educação para seus filhos, bem como informar seu papel no processo de libertação e fim da escravização [...] indicam que o domínio dos códigos de escrita e leitura podiam auferir ganhos. Os libertos de Vassouras estavam a defender outro modo de ler a Lei Áurea, isso 11 meses após a mesma ter sido assinada pela então regente Isabel. (VIANA *et alli*, 2022, p. 166-169).

Impressionante o tempo que essas cartas levaram para serem descobertas/ encontradas e, mais, tornarem-se conhecidas. A carta de Esperança é do século XVIII, contudo só foi encontrada pelo historiador Luiz Mott no final da década de 1970. Tantas cartas escondidas? Silenciadas? Simplesmente guardadas que enfim nos mostram as potências de suas escritas de umas décadas para cá.

## Registros finais

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), conhecida simplesmente como Correios, é a responsável pela execução do sistema de envio e entrega de correspondências no Brasil, além de outras funções. Vários são os tipos de cartas postadas todos os dias: as simples, o *petit paquet*, as cartas sociais,<sup>2</sup> as cartas registradas etc. Cartas registradas são aquelas com opção de envio com rastreamento, sendo mais em conta que outros serviços dos Correios; ademais, é uma ótima opção para despachar documentos. Aproveito para fazer uso do ser-

<sup>2</sup> Cartas de até 10g que custam um centavo (R\$0,01) para beneficiar a população de baixa renda. Várias famílias brasileiras só possuem esse meio de comunicação, incluindo inclusive a aproximação de famílias de pessoas em situação de presídio.

viço prestado pela ECT e ressignificá-lo: nossas cartas deveriam sempre ser registradas, registro de história e memória! Escritas epistolares ainda fazem circular saberes, notícias e subjetividades pelo Brasil afora. E exploram sentimentos e narrativas dos remetentes das mais variadas regiões a partir da sua própria escrita.

Muitas são documentos históricos importantes que podem contar a história do país a partir de outros pontos de vista. Outras são documentos familiares guardados e fechados pelo tempo que ilustram as dificuldades e vivências do povo brasileiro; no caso de minha história, são tesouros guardados por uma família negra favelada no Complexo da Maré. Apontamentos ricos e detalhados de múltiplos *espaçostempos* atravessados pelas nossas experiências e coletividade.

Ainda que a narrativa aconteça para que uma outra pessoa tome o lugar da escrita, como visto no filme *Central do Brasil* (direção do cineasta brasileiro Walter Salles, 1998), as culturas e subjetividades são ali oralmente narradas. Na película, o enredo traz a personagem Dora – uma professora aposentada que trabalha como escritora de cartas para pessoas analfabetas na estação de trem Central do Brasil e tenta ajudar um menino a encontrar seu pai na região Nordeste. Da mesma forma como minha avó, ela fazia perguntas e ditava causos para que minha tia transcrevesse e, no final, com o objetivo de dizer que aqueles eram seus questionamentos e narrativas, minha avó iletrada as assinava se eternizando naquelas linhas (Figura 4).

Por todas essas mulheres tão antes de meu tempo e pelos escravizados aqui citados e tantos outros cujas cartas foram esquecidas, as minhas escritas globais recapitularam quem eu era e me mostraram a possibilidade de escrever outras narrativas – narrativas iniciadas pelos meus ancestrais. A partir de uma ativida-

de considerada um ato insignificante – enviar cartas para *penpals* com o objetivo de praticar uma língua estrangeira numa época na qual a internet ainda não existia –, transformei epístolas em histórias de mim – escritas para desconstruir as narrativas colonizadoras criadas em torno do nosso povo. Hoje, vejo que estava comprometida com a minha comunidade e com as dificuldades de minha família.

Eu, mulher negra de pele clara, criada com uma família preta favelada, caligrafei linhas com o meu *eu* em “[...] um gesto de ruptura com o mutismo ao qual fomos condenados pelas máscaras inventadas pelo branco para sufocar nossa insurreição”. (SANTOS, 2020, p. 217). Como Anzaldúa (2000), a autora chicana supracitada anteriormente, convoco todos os nossos povos e a força narrativa de suas mulheres para “[...] esse exercício de ocupar o lugar da primeira pessoa do discurso e contar a sua história [que] é, sob qualquer forma, uma escrevivência acadêmica que pode ter, como efeito, o reconhecimento de si mesmo como um sujeito e o desenvolvimento de uma autonomia de pensamento”. (SANTOS, 2020, p. 217).

Observei a escrita de minha mãe por grande parte de minha vida e me tornei uma produtora epistolar cujas longas cartas remetidas me mostraram quem eu era e o que eu hoje sou, um despertar necessário. Ainda em 2022, regozijo-me de afirmar que minha produção, apesar de ter diminuído, tornou-se mais densa. Também me causa contentamento e um sentimento insurgente de saber que muitos ainda se comunicam através das cartas: epístolas eternizadas por aqueles que as descobrem juntamente com o poder das “outras” narrativas.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Juliana Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v.8 n.1, p. 229-235, jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 3 set. 2021.

ASSIS, Machado de. Papéis Velhos. In: ASSIS, Machado de. **Papéis Velhos e outras histórias**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração, 1995. p. 175-181.

ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. Trad. Celina Portocarrero. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações finais sobre a obra de Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Mágia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BRASIL. Decreto nº 8213, de 13 de agosto de 1881. Regula a execução da Lei nº 3029 de 9 de janeiro (Lei Saraiva) do corrente ano que reformou a legislação eleitoral. Coleção das Leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, v. 2, p. 854-923. 1881.

BRITO, Aline Regina Cardozo de. **Trajatórias de mulheres negras: traduções transatlânticas entre mares e Marés**. 2021. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – ProPed, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra: narrativa antilhana**. Trad. Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. 1.ed. São Paulo: Todavia, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Convocação à ternura. In: ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2019. p. 9-14.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização – Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes**. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

FIORIN, José Luiz. Cronotopo. In: FIORIN, José Luiz.

**Introdução ao pensamento de Bakhtin.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 144 - 151.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In:* GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flávia Rio, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 115-136.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

SCHMIDT, Simone Pereira. A força das palavras, da memória e da narrativa (posfácio). *In:* EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SOUZA, Elio Ferreira de. **A “carta” da escrava Esperança Garcia do Piauí: uma narrativa precursora da literatura afro-brasileira.** *In:* XIV Congresso internacional Abralic, 29 de junho a 03 de julho de 2015, UFPA, Belém, PA. Anais eletrônicos disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=822>. Acesso em 26 ago. 2022.

SANTOS, Livia Natália de Souza. **Intelectuais escriventes: enegrecendo os estudos literários.** *In:* DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.* Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020. p. 206 – 224.

THIAGO, Geraldo Cândido. “Tem carta pra mim?” *In:* THIAGO, Geraldo Cândido. **Novos causos dos Correios.** Vários autores. São Paulo: ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 2000. p. 68.

VENTURA, Zuenir. Prefácio. *In:* VENTURA, Zuenir. **Novos causos dos Correios.** Vários autores. São Paulo: ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 2000. p. 8 -9.

VIANA, Iamara da Silva; RIBEIRO, Alexandre; GOMES, Flávio. Escritos insubordinados entre escravizados e libertos no Brasil. **Estudos Avançados Scielo Brasil**, v. 33, n. 96, p. 155-178, Agosto 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0010>. Acesso em: 08 ago. 2022.

WALKER, Alice. À procura dos jardins de nossas mães. *In:* CONE, James; WILMORE, Gayraud. **Teologia Negra.** Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 322-331.

WHEATLEY, Phillis. **Letter to Reverend Samson Occum.** The Connecticut Gazette, 1774. Disponível em: <https://www.learningforjustice.org/classroom-resources/texts/hard-history/letter-to-reverend-samson-occum>. Acesso em 26 ago. 22.

Recebido em: 10/09/2022

Revisado em: 27/03/2023

Aprovado em: 27/04/2023

Publicado em: 02/05/2023

**Aline Regina Cardozo de Brito** é mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Educação Básica no município e Estado do Rio de Janeiro. Membro-pesquisadora do Grupo de Pesquisa Culturas e Identidades no Cotidiano (ProPED) da UERJ. *E-mail:* [alinercbrito@gmail.com](mailto:alinercbrito@gmail.com)